



VIVÊNCIAS DAS PROSTITUTAS DE BELO HORIZONTE ATRAVÉS DA ANÁLISE DO CAMPO DA APROSMIG

LAS EXPERIENCIAS DE LAS PROSTITUTAS EN BELO HORIZONTE A TRAVÉS
DEL ANÁLISIS DEL CAMPAMENTO APROSMIG

THE EXPERIENCES OF PROSTITUTES IN BELO HORIZONTE THROUGH THE
ANALYSIS OF THE APROSMIG CAMP

Ana Fernanda Silva Castro Santos¹
Isadora Albergaria Lanna de Moura²

RESUMO: O artigo analisa as vivências das prostitutas em Belo Horizonte por meio da atuação da Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig). Inicialmente, discute-se a representação social da prostituição e a influência de estereótipos negativos na percepção da sociedade. A pesquisa destaca a importância da Aprosmig na promoção da inclusão e no combate ao estigma enfrentado pelas trabalhadoras sexuais. Por meio de visitas aos hotéis da região da Guaicurus, são evidenciadas as desigualdades vivenciadas por mulheres cis e trans nesse contexto. Os instrumentos metodológicos principais foram as análises do campo, referenciais teóricos, entrevistas e questionários semiestruturados para o aprofundamento e aproximação com as histórias das profissionais do sexo, além de que a sustentação das análises foi embasada pela visão interseccional. A falta de políticas públicas e a ausência de regulamentação da profissão são apontadas como fatores que contribuem para a marginalização das prostitutas. A análise crítica proposta no estudo busca desconstruir preconceitos e ampliar o entendimento sobre as condições de trabalho e de vida dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social; Prostitutas; Guaicurus; Aprosmig; Mulher Trans.

RESUMEN: Este artículo analiza las experiencias de las prostitutas en Belo Horizonte a través del trabajo de la Asociación de Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig). En primer lugar, aborda la representación social de la prostitución y la influencia de los estereotipos negativos en la percepción de la sociedad. La investigación destaca la importancia de Aprosmig en la promoción de la inclusión y la lucha contra el estigma que sufren las trabajadoras del sexo. A través de visitas a hoteles de la región de Guaicurus, se destacan las desigualdades vividas por las mujeres cis y trans en este contexto. Los principales instrumentos metodológicos fueron análisis de campo, referentes teóricos, entrevistas y cuestionarios semiestruturados para profundizar y abordar las historias de trabajadoras sexuales, además de que el sustento de los análisis se basó en una visión interseccional. La ausencia de políticas públicas y la falta de regulación de la profesión son señaladas como factores que contribuyen a la marginalización de las prostitutas. El análisis crítico propuesto en el estudio busca desconstruir prejuicios y ampliar la comprensión de las condiciones de trabajo y de vida de estas mujeres.

PALABRAS CLAVE: Psicología Social; Prostitutas; Guaicurus; Aprosmig; Mujer trans.

ABSTRACT: The article analyzes the experiences of prostitutes in Belo Horizonte through the activities of the Minas Gerais Prostitutes Association (Aprosmig). Initially, the social representation of prostitution and the influence of negative stereotypes on society's perception are discussed. The research highlights the importance of Aprosmig in promoting inclusion and combating the stigma faced by sex workers. Through visits to hotels in the Guaicurus region, the inequalities experienced by cis and trans women in this context are highlighted. The main methodological instruments were field analyses, theoretical references, interviews and semi-structured questionnaires to deepen and approach the stories of sex workers, in addition to the support of the analyzes being based on an intersectional vision. The lack of public policies and the lack of regulation of the profession are pointed out as factors that contribute to the marginalization of prostitutes. The critical analysis proposed in the study seeks to deconstruct prejudices and expand understanding about the working and living conditions of these women.

¹ Psicóloga clínica e social-comunitária formada pela PUC Minas São Gabriel; Pós Graduanda em Gênero e Sexualidade em contextos clínicos e educacionais; E-mail: anafernandascsantos@hotmail.com

² Psicóloga clínica e social-comunitária formada pela PUC Minas São Gabriel; Atua como Educadora Social em uma instituição profissionalizante do menor; Idealizadora e coordenadora do projeto social Sou Mulher Sim, que acolhe mulheres transexuais e travestis em vulnerabilidade. E-mail: isadoraalm394@gmail.com.

KEYWORDS: Social Psychology; Prostitutes; Guaicurus; Aprosmig; Trans woman.

1 INTRODUÇÃO

Uma representação do imaginário social a respeito da prostituição é apresentada no texto “A dupla carreira da mulher prostituta”, escrito por Cláudia Fonseca (1996):

Tentando construir meu objeto tinha percorrido uma série de situações uma casa diurna onde uma dúzia de moças algumas em trajes íntimos estouram pipocas e faziam tricô enquanto esperavam os clientes da tarde hotéis baratos onde o cheiro de linóleo molhado invade os longos corredores que dão para quartos minúsculos a espera das meninas que a partir de meia-noite sobem a escada com seus clientes. (FONSECA, 1996, p. 10).

Antes de conhecer a Aprosmig (Associação das Prostitutas de Minas Gerais), o nosso imaginário estava alinhado com a descrição apresentada no texto. Mulheres que iam para os hotéis na calada da noite, em ambientes com cheiros e sensações únicas que se atrelam ao nojento ou “imundo”. As representações cinematográficas são fortes fatores para esse imaginário. Além do ambiente, as mulheres também são caricatas no mundo das ideias, filmes como “Taxi Driver”, “Uma linda mulher”, dentre outros diversos, alimentam o imaginário que as mulheres que trabalham na prostituição são magras, brancas, com ar de ingenuidade e sempre buscando provar algo para a sociedade.

A prostituição não é regulamentada, mas é legalizada no Brasil, se for exercida por maiores de 18 anos e não haver alguém por trás da remuneração deste trabalho, tirando proveito dos lucros advindos do exercício dessa função. Apesar da legalidade é possível observar o tabu social por trás dessa profissão, pautadas em uma visão principalmente moral, o corpo e a prática sexual como objeto de trabalho é inaceitável socialmente. No site do Jusbrasil, foi publicado um artigo escrito por Glauciene Oliveira dos Reis, com o título “Aspectos da prostituição na sociedade brasileira” (2020), a autora retrata a história da prostituição e expõe sobre a realidade contemporânea da função. Ela relata sobre as formas que são definidas a prostituição, é possível entender a origem do tabu e o corpo dicotomizado como puro e impuro na função social que é imposta a mulher. A prostituição mesmo sendo realizada por homens e mulheres, o peso que essa denominação carrega ao corpo feminino, é de corromper com as normas do que este corpo deveria cumprir, intituladas de forma pejorativa de “putas”, elas carregam o desprazer da falta de valorização do seu trabalho na sociedade brasileira.

Com respeito, a prostituição possui inúmeros conceitos como: “entregar à devassidão por dinheiro; corromper; desmoralizar”, “Degradar, aviltar, desonrar: prostituiu sua arte”,

“entregar-se ao comércio do sexo”, “degradar-se, aviltar-se; rebaixar-se, humilhar-se: prostituiu-se aos poderosos” e etc. (REIS, 2020, s.p.).

Ainda no campo da moral, a autora cita a bíblia sagrada, que acometia a prostituição como “imoralidade sexual e depravação”, onde essas condutas aos olhos de Deus além de ser pecado, eram repugnantes. Ao longo da história, ocorreram diversas visões sobre a prostituição e o sexo, na Grécia antiga estava estabelecido o papel social da mulher como dona do lar, recatada e fiel, mas em outras civilizações era possível observar que o sexo era um rito para as meninas de passagem importante para a puberdade, e ainda a “divindade” que era a virgindade de uma mulher.

No Brasil, esta atividade não é considerada como crime muito menos como infração penal, ou seja, ela não é ilícita, proibida, defesa, ela apenas não é regulamentada por lei. De acordo com o artigo 5º, XIII, em que trata da liberdade profissional assevera que todo o trabalho é livre “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais na qual a lei estabelecer”. (REIS, 2020, s.p.).

Em todas as visões é possível identificar a construção patriarcal sobre o corpo da mulher, que permeia até hoje de formas ainda mais hostis. A prostituição é afetada por essa construção, pois apesar da constituição assegurar a liberdade do trabalho e os direitos iguais de qualquer cidadão, o fato mais importante é a falta de segurança que essas mulheres carregam, onde seus clientes homens adquirem um poder ainda maior nos prostíbulos. Além disso, a falta de políticas públicas e regulamentação não são fatores à parte, uma profissão com todos esses tabus é colocada à margem, e uma vez descentralizada é automaticamente anulada e silenciada. Quem irá assegurar a “puta” de seus direitos? Ou melhor, a “puta” tem direitos?

A pergunta que elucida a problemática da pesquisa, busca entender como os atravessamentos sociais, históricos, políticos e culturais impactam no trabalho, nas relações e nas escolhas das prostitutas que residem em Belo Horizonte? Essas questões serão avaliadas a partir do olhar/análise de nós como pesquisadoras, que buscam dentro do espaço de trabalho dessas mulheres, acolhê-las e escutá-las nas suas experiências como prostitutas. A entrada nos hotéis e a articulação com a Aprosmig foi estabelecida a partir da execução de um estágio obrigatório do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel. O estágio foi supervisionado pela professora do curso, Natália Colen. Feito esse caminho, foram iniciadas as articulações com a instituição responsável.

Na experiência com a APROSMIG e as visitas aos hotéis na região da Guaicurus em Belo Horizonte, vimos com os próprios olhos as vivências das prostitutas, que coloca em xeque todos os preconceitos construídos ao longo da vida. Assim que entramos no primeiro ho-

tel, já ficou evidente como o ambiente não condiz com as representações cinematográficas aqui citadas. Ao longo dessas visitas, nos impactos e tensionamentos da prática, fomos entendendo a necessidade de fazer recortes para análises mais completas do campo. Portanto, para falar a respeito do que foi visto e percebido, é preciso separar em dois recortes: mulheres cis e mulheres trans. A partir disso, nossa pesquisa entrará no contraponto desse recorte analisando criticamente, partindo de quatro divisões ao longo do texto: a experiência nos hotéis e as desigualdades vivenciadas pelas mulheres cis e trans; o lugar do discurso; o lugar do homem e o lugar da instituição, provocando uma ampliação nas diferentes visões que o contexto da prática proporcionou.

A pesquisa foi conduzida com um grupo diversificado de 30 mulheres que atuam como prostitutas em Belo Horizonte, incluindo tanto mulheres cis quanto trans. A seleção das participantes foi realizada por meio de amostragem intencional, buscando representar diferentes faixas etárias, origens socioeconômicas e experiências dentro da profissão. As participantes foram recrutadas em locais de trabalho frequentes e através de redes de apoio da Aprosmig.

Para a coleta de dados, foram utilizados questionários semiestruturados e entrevistas individuais. Os questionários abordaram temas como condições de trabalho, experiências de discriminação, acesso a serviços de saúde e apoio social. As entrevistas, com duração média de 30 minutos, permitiram uma exploração mais profunda das narrativas pessoais e das vivências das participantes. Além disso, foram realizadas observações de campo em locais de trabalho, proporcionando um contexto mais rico para a análise.

O estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes éticas para pesquisa com seres humanos, garantindo o consentimento informado de todas as participantes. As entrevistas e questionários foram aplicados em sessões individuais, respeitando a privacidade e a confidencialidade das participantes. Os dados coletados foram analisados qualitativamente, utilizando a técnica de análise de conteúdo, que permitiu identificar temas recorrentes e nuances nas experiências relatadas. A pesquisa também incluiu um componente de feedback, onde as participantes puderam revisar e comentar sobre as interpretações preliminares dos dados, assegurando que suas vozes fossem representadas de forma precisa e respeitosa.

O objetivo da prática foi analisar as vivências e desafios enfrentados pelas prostitutas em Belo Horizonte, com foco na atuação da Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig). A pesquisa busca compreender as dinâmicas sociais, econômicas e emocionais que permeiam a vida dessas mulheres, destacando a ambiguidade entre autonomia e opressão na escolha da profissão. O estudo visa evidenciar a importância do apoio institucional e da

mobilização social na promoção dos direitos humanos, da igualdade de gênero e da justiça social, contribuindo para a construção de políticas públicas que garantam o acesso a direitos básicos, como saúde, educação e trabalho digno para as trabalhadoras do sexo.

Além disso, a pesquisa busca não apenas compreender as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, mas também destacar as redes de apoio e as iniciativas de empoderamento que emergem dentro desse contexto. Através da análise das experiências compartilhadas pelas participantes, o estudo pretende evidenciar como a atuação da Aprosmig e outras organizações de apoio contribuem para a construção de um espaço seguro e respeitoso, onde as vozes das trabalhadoras do sexo são valorizadas. Ao abordar a interseccionalidade de gênero, raça e classe, a pesquisa visa promover uma reflexão crítica sobre as políticas públicas existentes e a necessidade de uma abordagem mais inclusiva que reconheça a diversidade das experiências das prostitutas. Assim, o artigo não apenas expõe os desafios, mas também propõe caminhos para a transformação social e a promoção da dignidade e dos direitos das mulheres envolvidas na prostituição.

2 A EXPERIÊNCIA NOS HOTÉIS E AS DESIGUALDADES ENTRE MULHERES CIS E TRANS NA PROSTITUIÇÃO

A entrada no campo foi realizada com o apoio da Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig), que facilitou o contato com as trabalhadoras e garantiu um ambiente de confiança e respeito. As pesquisadoras e pesquisadores participaram de reuniões e atividades promovidas pela Aprosmig, o que não apenas legitimou sua presença, mas também permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e emocionais que permeiam a vida das prostitutas. Essa aproximação foi fundamental para estabelecer um vínculo de empatia e respeito, essencial para a coleta de dados.

A permanência das pesquisadoras e pesquisadores no espaço pesquisado foi acompanhada de uma reflexão crítica sobre as implicações éticas e sociais de sua presença. É importante reconhecer que a pesquisa em contextos vulneráveis, como o da prostituição, exige uma postura sensível e consciente das dinâmicas de poder envolvidas. As pesquisadoras e pesquisadores se comprometeram a respeitar a privacidade e a dignidade das participantes, garantindo que suas vozes fossem representadas de forma precisa e respeitosa. Essa análise crítica da permanência no campo é crucial para entender como as relações de confiança e a construção de um espaço seguro podem influenciar a qualidade e a profundidade dos dados coletados, além de contribuir para a promoção do bem-estar das trabalhadoras do sexo.

Ao embarcar na prática dos hotéis, obtivemos experiências distintas no espaço e na organização das mulheres cis e trans no trabalho. Os hotéis das mulheres cis³ são mais luxuosos, com jogos de luzes para deixar o ambiente com um clima mais provocativo, com música ambiente em um som agradável, quartos separados e limpos, com banheiros privativos e cada mulher fica em seu próprio quarto. As mulheres ficam deitadas nas camas, com as portas abertas, algumas ficam paradas na porta para conversar com os clientes, porém nenhuma ficava completamente nua. Elas não conversavam entre si e não demonstraram muito interesse em conhecer e conversar com a Aprosmig, estavam ali focadas no trabalho.

Em contraponto, os hotéis das mulheres transexuais⁴ são mais precários, com uma luz fraca, música muito alta ao ponto de mal conseguirmos ouvir o que as mulheres falavam. Elas não ficavam cada uma em seu próprio quarto, ficavam juntas em um único quarto, deitadas na mesma cama e conversando. Os hotéis não são muito limpos e possuem insetos em diversas partes. Algumas delas até mesmo moram onde trabalham, por conta disso, alguns quartos ficam cheios de utensílios, malas, roupas e pertences pessoais. Quando chegam clientes, elas ficam nas portas conversando e chamando eles para o quarto, além disso, a maioria estava nua. Elas foram muito receptivas com a Aprosmig, se mostraram interessadas no que a Associação oferece e em todas as visitas, pelo menos uma mulher, relatou uma demanda que gostaria de receber acompanhamento e encaminhamento através da Aprosmig.

É perceptível na observação do campo, as diferenças de espaço, receptividade e demandas, entre as mulheres cis e trans. As cis em muitos dos casos estão na prostituição para complementar sua renda baixa e o emprego precário que possui, ou seja, é mais um trabalho que exercem no seu dia e estão de passagem pelos hotéis. Já as mulheres trans não conseguem facilmente um emprego formal em lugar nenhum, estão em situação de rua, não são reconhecidas como sujeitas, não são respeitadas como mulheres, e são definidas moralmente e socialmente como “aberrações”, dificultando sua entrada no mercado de trabalho.

Além disso, não conseguem permanecer em instituições, como a escola, sendo um público com grande número de evasão escolar, não porque escolhem, mas sim pela transfobia e violência vivenciada nesses espaços, principalmente para as pessoas trans que estão passando pelo processo de transição e a mudança do nome de batismo para o nome social, sendo nenhum desses movimentos acolhidos socialmente. Dados estatísticos retirados do site do Go-

³ O termo ‘cis’ é uma abreviação de ‘cisgênero’, utilizado para descrever pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.

⁴ Mulheres transexuais não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído/imposto ao nascerem, ou seja: o masculino. Isto significa que o seu sexo biológico não define seu gênero, ao se reconhecerem como mulheres há um rompimento com a lógica normativa de pênis-homem-masculino.

verno Federal (BRASIL, 2022) relatam que a expectativa de vida das mulheres transexuais é de 35 anos, em detrimento do resto da população que é de 74,9 anos. Com este dado, se torna latente estatisticamente a falta de pertencimento social desses corpos marginalizados, onde é preferível sua morte do que a convivência.

Os hotéis acabam sendo um lugar de pertencimento, de cooperação e de moradia, sendo possível entender ainda mais o porquê as mulheres trans ficam sempre juntas, nos mesmos quartos e fazendo trocas constantes nas nossas visitas. Para além do pertencimento, o significativo que melhor define esses comportamentos é o de segurança, os corpos trans carregam uma vulnerabilidade extrema nos lugares que ocupam, gerada pela violência e o ódio, que pode ser utilizado como arma em qualquer momento contra a vida delas.

Em uma das visitas aos hotéis trans, uma mulher contou um pouco da sua história acadêmica e pediu ajuda para a Aprosmig e as estagiárias de Psicologia, para ajudá-la a conseguir um emprego na sua área de atuação. Ela é formada em Enfermagem e não está conseguindo atuar na área, esta situação poderia ter vários fatores para justificar a sua não inserção: altas taxas de desemprego, mercado saturado, currículo etc. Entretanto, a questão aqui tem um nome, intitulado como transfobia. A profissional relata que quando vai a uma entrevista de emprego, as chances de prosseguir nas etapas são reduzidas a quase cem por cento, apenas pelo fato dos examinadores entenderem que ela é uma mulher trans. Ela conseguiu concluir uma graduação, isso é raro para o público trans e é um sintoma social forte da nossa sociedade, a exclusão violenta deste público dos espaços continua ocorrendo mesmo quando elas conseguem as qualificações exigidas para conseguirem um emprego formal.

A professora do Piauí, Leticia Carolina Nascimento, que se apresenta como travesti, preta e gorda, é um dos maiores exemplos de êxito de uma travesti na academia. Ela é uma referência importante, mas não é o padrão, isso mostra a importância dela nesse espaço. Ela escreve diversos artigos, revistas e reportagens sobre Transfeminismo, violências e interseccionalidade. Em um dos seus textos: “Carta aos meus agressores: com amor, Leticia” (2021), ela relata a sua dor frente ao agressor, suas marcas e cicatrizes, pois não é possível prosseguir com essas feridas abertas, então ela diz sobre perdão e como é possível transformar essas dores em um caminho de luta para sobreviver. Por quanto tempo pessoas transexuais e travestis vão ser obrigadas a ter que lidar com marcas causadas pelas lembranças de um agressor? Isso se torna ainda mais complexo quando reconhecemos que o agressor está em todos os lugares.

Vocês são a pedra que insiste em permanecer em meu caminho, a pedra sempre pronta pra me fazer tropeçar. Vocês sempre quiseram me fazer cair. Seus risos e pidades me fizeram sonhar dentro de uma gaiola. Duvidar de mim mesma, questionar

meu potencial, minha coragem, vocês me fizeram acreditar que eu não chegaria a lugar nenhum além do fosso no qual me puseram. (NASCIMENTO, 2021, s.p.).

O feminismo é uma das pontes mais importantes que historicamente, socialmente e politicamente promove uma série de conquistas para o corpo feminino. A questão principal dessa discussão é sobre “qual mulher estamos falando?”, ao pensar nesse questionamento se coloca mais evidente a separação das mulheres cis e trans na nossa prática, visto que quando a pauta é sobre mulheres, o plural do termo tem que prevalecer. A universalização do termo “mulher” exclui as pluralidades e subjetividades que podem conter em um movimento de resistência. O feminismo negro abriu portas para reflexões que perpassam a classe, raça, gênero e sexualidade. Se hoje, é possível falar de Transfeminismo, existe um potencial de luta histórico para esses corpos.

No livro “Políticas Públicas e Diversidade: Quem precisa de Identidade?”, a professora Letícia Carolina Nascimento (2020) contempla uma das partes com o tema: “Transfeminismo negro: tensionando interseccionalidades”. Nascimento (2020) analisa a história do feminismo através de um viés crítico, entendendo sobre as potencialidades e tensionamentos do movimento, até os dias atuais. Quando a autora aborda o Transfeminismo, como uma forma de incluir as mulheres trans e travestis no movimento, não diz de uma segregação sobre ser mulher ou uma competição de quem sofre mais, o fato diz de um processo de inclusão de demandas que englobam as pluralidades dos sujeitos. A interseccionalidade é exatamente a ampliação do olhar sobre o outro e uma metodologia que analisa socialmente os corpos e as relações, onde as camadas de vulnerabilidade e privilégios se misturam em um corpo, consequentemente gerando maiores fragilidades em um sujeito que experimenta os diversos recortes sociais em si. Mulheres transexuais, travestis, pretas e periféricas possuem essa multiplicidade de vulnerabilidades, resultando na marginalização, silenciamento, exclusão, e na maioria dos casos, violências de todas as maneiras, torturas e a aniquilação do seu corpo.

Portanto, a mesma potência de resistir, pela comunidade, o movimento e a luta, pode ser também a forma de finalmente serem escutadas e vistas. O paradoxo maior perpassa pela violência, quando encontram meios de sobreviverem, de falarem ou existirem, no seu caminho sempre há o opressor, a sua repulsa e a agressão sádica cotidiana, seja verbalmente, psicologicamente ou fisicamente. Então, qual o peso da luta?

2.1 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa revelaram uma série de temas interconectados que refletem as vivências e desafios enfrentados pelas prostitutas em Belo Horizonte. A análise dos dados coletados por meio de questionários e entrevistas destacou os seguintes pontos principais:

1. **Condições de Trabalho e Vulnerabilidades:** As participantes relataram condições de trabalho precárias, caracterizadas por ambientes inseguros e falta de higiene nos locais de atendimento. Muitas mulheres, especialmente aquelas que se identificam como trans, enfrentam maior marginalização, resultando em uma maior vulnerabilidade a abusos e violência. A falta de regulamentação da profissão contribui para a precarização do trabalho sexual, limitando o acesso a direitos básicos e proteção legal.
2. **Estigmas e Discriminação:** As participantes expressaram experiências significativas de estigmatização e discriminação, tanto na sociedade em geral quanto em contextos específicos, como serviços de saúde e assistência social. O estigma associado à prostituição impacta negativamente a autoestima e a saúde mental das trabalhadoras, levando a sentimentos de isolamento e exclusão.
3. **Apoio e Redes de Solidariedade:** A pesquisa evidenciou a importância da Aprosmig como um espaço de apoio e empoderamento. Muitas participantes relataram que a associação oferece não apenas serviços de saúde e assistência jurídica, mas também um senso de comunidade e pertencimento. As redes de solidariedade entre as trabalhadoras são fundamentais para enfrentar os desafios diários e promover a resiliência.
4. **Necessidade de Políticas Públicas:** As participantes destacaram a urgência de políticas públicas que abordem as especificidades do trabalho sexual, incluindo acesso a serviços de saúde, educação e proteção contra a violência. A falta de conhecimento sobre os direitos e recursos disponíveis foi um tema recorrente, evidenciando a necessidade de campanhas de conscientização e educação voltadas para as trabalhadoras do sexo.
5. **Reflexões sobre Identidade e Autonomia:** As entrevistas revelaram que, apesar das dificuldades, muitas mulheres veem o trabalho sexual como uma forma de autonomia e empoderamento. As participantes discutiram suas motivações para entrar na profissão, que variam desde a busca por independência financeira até a necessidade de sustentar suas famílias. Essa complexidade desafia a visão simplista da prostituição como uma escolha unicamente negativa.

Esses resultados sublinham a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e informada sobre o trabalho sexual, que reconheça as múltiplas dimensões das experiências das prostitutas e promova a construção de um ambiente mais seguro e respeitoso para todas as trabalhadoras do sexo. A pesquisa conclui que o diálogo contínuo e a colaboração entre as instituições e as trabalhadoras são essenciais para a promoção de mudanças significativas e duradouras.

3 O LUGAR DO DISCURSO

Uma das visitas aos hotéis cis, a única mulher cis que demonstrou interesse em conversar conosco foi uma senhora com mais de sessenta anos, a quem chamaremos de Lisa. Ela relatou que estava no hotel apenas para escrever um livro, que não era como as outras mulheres e apesar de trabalhar como prostituta, apenas o fazia para pagar o hotel e comprar comida, mas se não fosse pelo livro, não estaria lá. Lisa alega que as paredes têm ouvidos e que as mulheres lá fofocam sobretudo, e por isso que ela precisa se proteger e proteger a identidade dela. Conta que todas lá fazem uso de álcool e drogas e ela é a única que não faz isso, apesar de fumar cigarro branco durante toda a conversa. Para ela a prostituição só existe porque as mulheres não sabem transar, por isso os homens precisam buscar as prostitutas para se satisfazerem.

Além disso, Lisa relata que possui clientes fixos que conversam com ela e reclamam que as esposas não sabem fazer o que ela faz e caso as esposas fizessem eles não estariam ali. Ela diz que o pai a ensinou que a mulher deve ser pura na sociedade e puta na cama, dessa forma, o homem não precisará buscar a prostituição. Lisa foi casada durante anos, se divorciou por escolha própria para ter mais liberdade, de acordo com o que relata, entretanto, garante que o ex-marido estava muito satisfeito com ela, já que ela sabia como agradá-lo. A conversa foi permeada por discursos de culpabilização das mulheres e acolhimento aos desejos masculinos, além de tudo, ela reforçou veementemente como não é uma prostituta como as outras, e apenas uma escritora curiosa.

A conversa trouxe para a supervisão inúmeros pontos a serem discutidos, o principal é relacionado ao campo do discurso. A narrativa que uma mulher faz a respeito da sua própria condição de objeto de violência é a narrativa que a mesma cria para dar conta do que vivencia. A prostituição por mais que entre no campo subjetivo como uma escolha, socialmente falando, o valor do ato sexual em troca de dinheiro é uma abertura para violências inúmeras. O poder dado ao homem ao pagar para satisfazer os seus prazeres possibilita que os prazeres

para além do ato sexual sejam satisfeitos também com ou sem o consentimento da mulher. Para lidar com essas vivências cada mulher irá construir seu campo psíquico e sua narrativa de vida, seja de empoderamento, de segregação ou qualquer outro, mas o discurso é um dos mecanismos para que a mulher não sofra com o que, infelizmente, faz parte do trabalho que exerce.

No entanto, muitas mulheres ainda deixam de prestar queixa contra o agressor e outras não reconhecem a situação vivida como violência. Também pode ocorrer de as mulheres se sentirem envergonhadas e culpadas pela agressão sofrida, passando a ocultar os fatos (Monteiro & Souza, 2007; Schraiber et al., 2007).

Com base nessas constatações, surgem questionamentos sobre o porquê de muitas mulheres se submeterem a situações de violência dos seus parceiros conjugais por muito tempo. Partindo do pressuposto de que algumas mulheres repetem esse padrão de funcionamento considerando que sofreram ou presenciaram situações de violência durante a infância e/ou adolescência na família de origem, Hirigoyen (2006) descreve que as mulheres com maiores fatores de vulnerabilidade, como tendência à sujeição, encontrarão maiores dificuldades para se afastar dessa situação. (ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013, p. 65).

A citação do artigo “A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas” (2013) discute com precisão como a mulher em situação de violência possui obstáculos para compreender, aceitar e lidar com as violências que sofrem. Relacionando com o campo de estudos, as mulheres dentro dos hotéis vivem violências advindas da opressão masculina, entretanto, cada mulher criará a própria forma de lidar com essas violências. Algumas irão denunciar sempre que se sentirem violadas e desrespeitadas, outras irão relevar algumas violências e não irão tolerar outras, mas também há as mulheres que não conseguem admitir as violências, cada uma possui o seu processo de criação do discurso a respeito das próprias vivências.

Criar novos sentidos significa também, abrir as possibilidades de ser, e a expressão aqui, tem como enunciadora uma mulher prostituta, marginalizada pela sociedade e excluída pela "impureza" do seu trabalho. Grada Kilomba (2019), no capítulo dois do seu livro: "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano", ela escreve sobre "Quem pode falar?", explicitando uma crítica ao padrão colonial e o silenciamento aos subalternos, dizendo sobre a importância e o poder do discurso dos oprimidos. A prostituta que se abriu conosco era uma mulher cis negra, que reproduz em grande parte de suas falas o discurso do colonizador, o patriarcal, mas muito disso está relacionado ao silenciamento cotidiano que ela vivencia, o sentimento de não pertencimento e as tentativas de fuga da realidade. No fim, ela acaba

se silenciando com a reprodução do discurso opressor, sentindo a precariedade e limitação do seu espaço reduzido de fala.

E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de "chegar", mas dificilmente podemos "ficar". (KILOMBA, 2019, p. 59).

A dor instaurada pela realidade subjetiva e contextual de cada sujeito, coloca a linguagem em uma posição paradoxal, ao mesmo que propõe o lugar de pertencimento e resistência, carrega também a relação direta com o sofrimento advindo da opressão. Kilomba (2019) elabora diversos relatos sobre suas vivências e experiências inserida na academia. Ao mergulharmos na sua história resta um ponto de ambiguidade, o seu corpo, ou melhor, o seu corpo e a sua cor, torna a sua linguagem menos valiosa, o seu discurso mais banalizado e seu lugar social marginalizado. Ao mesmo tempo, que para balançar as estruturas opressivas é necessário ocupar e dar visibilidade ao olhar decolonial, e para isso o silenciamento provocado pelos opressores necessita ser rompido.

Toda essa trajetória, seja da Lisa ou da Grada, evidencia as batalhas cotidianas de ser mulher, preta e periférica nessa sociedade capitalista patriarcal. A luta do pertencimento está nos muros de qualquer instituição e a experiência vivenciada por cada mulher carrega o peso da sua história, vivências e subjetividades. Apesar das particularidades, o ponto em comum é a proteção, Lisa utiliza de seu discurso e enredo para traçar sua história dentro dos limites da sua realidade, vinculando a sua escrita ao seu propósito. Enquanto Grada se propõe a desafiar os limites da realidade que estabeleceram a ela, criando sua forma de dizer e expressar, apesar ou com os rótulos. São realidades diversas, que carecem de uma análise interseccional.

4 O LUGAR DO HOMEM

Além do discurso falado através das mulheres, uma outra representação discursiva importante é o comportamento dos homens no espaço. Assim que eles chegam, seja em duplas ou sozinhos, o olhar muda. Homens que nas ruas andam cabisbaixos e demonstrando algum tipo de vulnerabilidade na expressão corporal, ao subir as escadas dos hotéis mudam a postura. A cabeça abaixada se torna um queixo empinado, o olhar cansado se torna um olhar atento e de julgamento, a postura corcunda se transforma em um peito estufado. Eles olham para as mulheres como se estivessem em um shopping buscando o produto que mais satisfaz os próprios critérios. Se comportam como donos do lugar, abrem portas sem pedir licença, pegam o

que quiserem, babam por onde andam e não se sentem mal com isso. A presença das estagiárias na Aprosmig foi um fato que não os incomodou. Uma parcela dos homens até mesmo olharam para as estagiárias como se fossem um dos “produtos” que foram consumir, alguns deles até mesmo as assediou, perguntou qual o quarto que elas trabalhavam, e mesmo sendo interrompido com a explicação que estavam ali como estagiárias e não como trabalhadoras, seguiram no comportamento de um mundo sem lei.

Os homens, dentro dos hotéis, sabem que aquele território é deles e para eles, e agem de acordo. Todas as repressões sociais que vivem ao não poder assediar tão descaradamente as mulheres nas ruas constantemente, o fazem dentro dos hotéis. A ideia de que os homens sempre ultrapassam os limites do espaço das mulheres foi desconstruída ao depararmos com eles dentro de um território que eles mesmos constroem as leis. A cultura do estupro, Sousa (2017), fica explícita nos corredores, e a expressão do desejo masculino de ter para si os objetos corpóreos femininos se torna possível sem ao menos existir alguma lei que os reprima, mesmo que apenas moralmente.

Chamar uma determinada prática social de cultura implica atribuir-lhe uma série de fatores que exprimem que essa conduta caracteriza-se, entre outras coisas, por ser algo feito de maneira corriqueira e não listado como raras exceções, colocando essa ação como uma atividade humana. Nessa concepção, adotamos a referência de Marilena CHAUI (1986) acerca do termo cultura que, segundo ela, “em sentido amplo, cultura [...] é o campo simbólico e material das atividades humanas” (p. 14). O que também não significa que, de maneira direta, todos os homens sejam estupradores, nem que todos os seres humanos sejam diretamente responsáveis pela prática do estupro, mas que, de muitas maneiras, a cultura do machismo e da misoginia contribui para a perpetuação desse tipo de violência focada, principalmente, contra a mulher. (SOUSA, 2017, p.10).

Nos prostíbulos os homens são reis, e não escondem como desejam se comportar, além disso, a mulher ali presente, parece não ter o direito de reclamar ou discordar, já que ela está no território deles. A existência das mulheres em um mundo machista é difícil e sem segurança, entretanto, dentro dos hotéis essa existência se torna ainda mais violenta e insegura.

Um fator que chama atenção ainda nas comparações dos hotéis de mulheres trans e cis, afetam também no comportamento dos homens. Toda a questão do poder que eles adquirem nos hotéis é unânime, eles estão em um espaço próprio e estão atrás do seu produto. O mais perceptível foram as diferenças de usufruir desse poder. Nos hotéis das mulheres trans, os clientes chegavam sem muita postura, observando, mas sem aparecer demais, quase não falavam, e conversavam diretamente com a mulher escolhida por eles. Ao sair de algum quarto, quase se escondiam de nós, estagiárias, de passagem pelos corredores, evitavam olhar nos olhos e já iam direto para a escada de saída.

As atitudes observadas nos homens nas passagens pelos hotéis de mulheres transexuais fortalecem a análise do “não lugar” da mulher trans na sociedade brasileira. Fruto de fetiches e satisfação sexual, ou até mesmo de curiosidade, homens vão em busca dos hotéis trans para satisfazerem algo que eles não irão procurar no seu cotidiano, nas ruas, nas baladas, em bares, elas são além de um mero objeto, elas não podem ser nem mesmo citadas. Partindo disso, o fruto da repressão e comentários agressivos que homens fazem para outros homens, onde tentam agredir a virilidade masculina, é acusar uns aos outros de terem estado na cama com uma mulher trans e travesti, demarcando mais uma vez esses corpos como “aberrações”, algo não humano e não aceitável, portanto, algo a ser velado, mas não rompido. Essa relação de amor e ódio aos corpos trans não são apenas observados nos corredores da Guaicurus, são dados concretos e bem conhecidos socialmente.

Anualmente, os maiores sites pornô do mundo publicam um relatório com as categorias mais acessadas pelos seus usuários, detalhando palavras-chave, celebridades, fetiches e tendências mais buscadas em cada país do top 20. O Brasil, que nunca fica de fora dessa lista, demonstrou mais uma vez em 2023 o paradoxo de viver entre o desejo e o ódio em relação às travestis e transexuais.

Como esperado, esses dados não são exatamente uma surpresa. Assim como não é surpresa o fato de que o Brasil seguiu pelo 15º ano consecutivo como o país que mais assassinou travestis e transexuais no mundo todo em 2023, de acordo com o publicado pela TGEU (organização que monitora globalmente assassinatos de pessoas trans). (BENEVIDES, 2023, s.p.).

A análise do lugar do homem nesse contexto revela não apenas a objetificação das mulheres, mas também a perpetuação de estruturas de poder desiguais e opressivas. A postura dos homens, que se sentem no direito de controlar e dominar as trabalhadoras sexuais, reflete a naturalização da violência e da exploração no âmbito da prostituição. Essa reflexão aponta para a necessidade de desconstruir padrões de masculinidade tóxica e promover relações mais igualitárias e respeitadas entre os gêneros, visando a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas. A diferença de tratamento com mulheres trans e mulheres cis escancara o quanto o Brasil é um país transfóbico que se encontra distante de uma realidade segura para a existência de pessoas transexuais e travestis no país.

5 O LUGAR DA INSTITUIÇÃO

Para além das vivências em campo conversando e interagindo com as prostitutas, o campo de estágio também abarcou a instituição, o ponto crucial é a falta de conhecimento das profissionais do sexo a respeito da existência da Aprosmig, o que demonstrou como a vulnerabilidade dessas mulheres é ainda maior ao não reconhecerem quais as instituições que exis-

tem para protegê-las e garantir os direitos de cada uma delas. Dentro da Aprosmig, também existem as suas próprias limitações, são muitos hotéis e muitas mulheres para serem acompanhadas, acolhidas e auxiliadas, a falta de uma organização institucional se mostra presente e agravante das dificuldades da Associação em lidar com todas as demandas existentes. O espaço físico é pequeno e difícil de comportar muitos indivíduos, isso gera uma baixa permanência das pessoas na instituição, as profissionais apenas passam por lá para pedir camisinhas ou solicitar algo, e vão embora, não ocorre uma conversa mais prolongada ou um acolhimento psicossocial que algumas delas possam necessitar.

A APROSMIG – Associação das Prostitutas de Minas Gerais, criada em 2009, é uma agente de direitos ao trabalho, promoção da cidadania e de combate à violência de gênero, putafobia, exploração sexual de crianças e adolescentes, violência contra a mulher e ao tráfico de pessoas; com uma importante atuação como agente de saúde e segurança públicas, além de agente cultural. A APROSMIG tem por finalidade representar as prostitutas e profissionais do sexo que exercem a profissão em hotéis, boates e ruas, bem como a profissionais autônomos que trabalham em locais e ambientes diversos de Minas Gerais; defender os interesses das pessoas que representa, levando as reivindicações aos órgãos e autoridades competentes para efetivação de seus anseios e preocupações; promover a mobilização social e as articulações de entidades e organizações cujos objetivos se identifiquem com as pautas que atravessam o cotidiano de prostitutas e profissionais do sexo. Todas as ações da APROSMIG estão baseadas na luta pela garantia e ampliação dos direitos das mulheres e pessoas trans e travestis à não-violência, como Lei Maria da Penha e questões de direitos LGBTQIs em níveis local, municipal e estadual intercambiando com outras entidades. (APROSMIG, s.d., s.p.)

A Associação das Prostitutas de Minas Gerais é dirigido e funciona através de mulheres que já trabalharam na prostituição, conta com profissionais da psicologia e assistência social, conta também com os estagiários que chegam ao campo através da faculdade PUC Minas. O fluxo de pessoas atuando é grande e diverso, o que se torna positivo no acolhimento de demandas diversas, porém, há o lado negativo, com a dificuldade na organização das equipes de trabalho, deixando a desejar algumas frentes de atuação. Por ser a única Associação que lida com prostitutas de todo o Estado de Minas Gerais, as dificuldades são inúmeras, o que não pode ocultar como o trabalho realizado é essencial para a existência e sobrevivência de todas as pessoas que precisam dos serviços oferecidos pela Aprosmig.

A instituição desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia e da dignidade das trabalhadoras sexuais, oferecendo suporte psicossocial, orientação jurídica e acesso a serviços de saúde. Através do trabalho desenvolvido pela Aprosmig, as mulheres têm a oportunidade de se organizar coletivamente e de reivindicar seus direitos, contribuindo para a construção de uma rede de proteção e solidariedade. Além disso, a atuação da instituição no combate à exploração e à violência contra as prostitutas é essencial para garantir a segurança e

o bem-estar dessas mulheres. A Aprosmig promove a conscientização sobre os direitos das trabalhadoras sexuais, combate à estigmatização e o preconceito, e busca sensibilizar a sociedade para a importância do respeito e da dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua profissão. Através de ações educativas e sociais, a instituição busca transformar as estruturas sociais que perpetuam a marginalização e a exclusão das prostitutas.

É explícita a necessidade de fortalecer políticas públicas voltadas para a proteção e o empoderamento das trabalhadoras sexuais. É fundamental que o Estado reconheça e valorize o trabalho das prostitutas, garantindo-lhes acesso a direitos básicos, como saúde, educação e trabalho digno. A Aprosmig, como um exemplo de organização que atua em defesa dos direitos das prostitutas, demonstra a importância do apoio institucional e da mobilização social para promover a igualdade de gênero, a justiça social e o respeito à diversidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo “Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas”, escrito por André Diniz e Claudia Mayorga (2018), os autores trabalham o artigo em cima de uma pesquisa de campo com mulheres que vivenciam a prostituição e a implicação da Aprosmig nesse espaço. No texto é levantada a ambiguidade da prostituição no quesito “escolha” das mulheres em entrarem na profissão, pautada pelos significantes autonomia e opressão. Diversas mulheres que participaram desta pesquisa trouxeram no seu discurso um empoderamento, onde ser prostituta foi a melhor escolha que já fizeram, por receberem bem, possuírem autonomia e conseguirem sustentar seus filhos. Em contraponto, todas possuem histórias cruéis na sua vivência, com cônjuges que as agrediram, relacionamentos abusivos e falta de valor social.

Das oito entrevistadas deste estudo, pelo menos quatro se inseriram na prostituição a partir de situações que envolveram violência e opressão de gênero. Essas situações são explícitas em suas histórias, apesar de, não raro, elas construírem narrativas extremamente autorreferidas e autodeterminadas sobre si e afirmarem veementemente suas autonomias na escolha da prostituição. A presidente da APROSMIG, em seus pronunciamentos públicos, recusa recorrentemente o rótulo de vítima às mulheres prostitutas. Ela sempre reafirma a seus interlocutores que a prostituição é, para ela e para outras prostitutas, uma escolha, uma experiência de autonomia. Será idílio? Será apenas “transformação de necessidade em virtude?” (DINIZ & MAYORGA, 2018, p. 6).

Para entender a experiência na prostituição é necessário compreender a visão de cada uma da sua própria experiência, mas ao analisar mais profundamente a opressão e a violência se encaixa em todos os casos, seja da mulher que diz que está por falta de opção ou a mulher

que discursa empoderada sobre a autonomia que adquiriu estando na prostituição. Se esse discurso é uma forma de fugir da realidade da prostituição por falta de outras opções ou se elas realmente estão à vontade nesse espaço, depende de muitos fatores que não cabe a ninguém dizer por elas. O sistema capitalista patriarcal oprime de diversas formas mulheres no mercado de trabalho, remunerações injustas em relação a sua força de trabalho, opressão por gênero, raça e classe, empregabilidade limitada e sobrecarga. Se houvesse um sistema que valorizasse este público no mercado, será que a escolha de ir para prostituição permaneceria? De qualquer forma, trabalhar como prostituta, nas circunstâncias atuais, pagam suas contas e colaboram para sua sobrevivência.

A prostituição é atravessada por inúmeros fatores sociais enraizados no machismo e racismo, assim como toda profissão exercida. A sociedade capitalista coloca o dinheiro como fator principal e de maior relevância nas escolhas profissionais, a forma de lidar com isso, depende da subjetividade e oportunidades que cada pessoa possui ao longo da vida. Uma mulher preta, pobre, periférica e trans terá menos oportunidades que uma mulher cis, branca, de classe média. Porém, ambas estão na prostituição, o que demonstra como não existe uma regra de causa e efeito para explicar a existência da prostituição e a existência de mulheres trabalhando como prostitutas.

Vivenciar este campo estando principalmente no curso de Psicologia, deveria ser de cunho obrigatório no curso, a realidade uma vez vivenciada é intrigante e necessária. A maioria das mulheres que nos atravessaram, pediram por ajuda psicológica, relataram dores, marcas e cicatrizes dentro e fora dos prostíbulos. A APROSMIG carrega um papel importante neste quesito, ela proporciona diversos auxílios com viés psicológico, assistenciais, de ocupação de espaços, encaminhamentos e acolhimento diversos, garantindo de alguma forma uma melhor qualidade de vida para um público que não possui condições dignas de trabalho e sobrevivência.

Na conclusão do estudo sobre as vivências das prostitutas em Belo Horizonte através da análise do campo da Aprosmig, é evidente a importância de se reconhecer e combater as diversas formas de discriminação e violência enfrentadas por essas mulheres. A reflexão sobre a interseccionalidade de gênero, raça, classe e identidade é fundamental para promover uma abordagem mais inclusiva e empática em relação às trabalhadoras sexuais. Além disso, a necessidade de políticas públicas efetivas e de uma regulamentação adequada da profissão se destaca como medidas essenciais para garantir os direitos e a dignidade dessas mulheres. Ao analisar as narrativas e experiências compartilhadas pelas prostitutas, torna-se explícito que a luta por reconhecimento, respeito e igualdade é uma batalha contínua e urgente. É fundamen-

tal que a sociedade como um todo se engaje na desconstrução de estigmas e preconceitos que perpetuam a marginalização dessas mulheres.

A pesquisa revela a complexidade e a diversidade das experiências enfrentadas por essas mulheres em um contexto de marginalização e opressão. Os resultados indicam que, apesar das condições precárias de trabalho e da estigmatização social, muitas mulheres encontram no trabalho sexual uma forma de autonomia e empoderamento, desafiando as narrativas simplistas que frequentemente cercam essa profissão.

A análise das condições de trabalho, das vulnerabilidades enfrentadas e das redes de apoio destaca a necessidade urgente de políticas públicas que reconheçam e abordem as especificidades do trabalho sexual. É fundamental que as intervenções sociais e de saúde sejam sensíveis às realidades vividas por essas mulheres, promovendo não apenas a proteção contra a violência, mas também o acesso a direitos básicos e serviços adequados.

Além disso, a pesquisa enfatiza a importância de fomentar um diálogo contínuo entre as trabalhadoras do sexo, as organizações de apoio e as instituições governamentais. Esse diálogo é essencial para a construção de um ambiente mais seguro e respeitoso, onde as vozes das prostitutas sejam ouvidas e valorizadas. A necessidade de uma abordagem interseccional que considere as múltiplas dimensões de raça, classe e gênero é crucial para entender as experiências das mulheres na prostituição. Ao reconhecer a complexidade de suas realidades, podemos avançar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as mulheres, independentemente de sua ocupação, tenham seus direitos respeitados e suas histórias valorizadas.

É importante destacar as possibilidades de futuros estudos que podem emergir a partir das vivências das prostitutas em Belo Horizonte. Primeiramente, a realização de estudos longitudinais que acompanhem as mesmas participantes ao longo do tempo pode oferecer insights valiosos sobre como suas experiências e condições de vida evoluem, especialmente em resposta a mudanças nas políticas públicas e nas dinâmicas sociais. Além disso, investigações que comparem as vivências de trabalhadoras do sexo em diferentes contextos geográficos e culturais permitirão uma análise comparativa, revelando como fatores locais influenciam as experiências de autonomia e opressão. A exploração mais profunda da interseccionalidade entre gênero, raça e classe é outra área promissora, pois pode elucidar como essas dimensões afetam o acesso a serviços e direitos. Também é crucial avaliar o impacto de políticas públicas específicas sobre a vida das prostitutas, identificando a eficácia de programas de saúde, educação e proteção contra a violência. Pesquisas focadas nas necessidades de saúde mental

das trabalhadoras do sexo e na integração de apoio psicológico nas iniciativas de assistência social são igualmente relevantes.

Além disso, estudos que se concentrem nas narrativas pessoais das trabalhadoras do sexo podem contribuir para a desconstrução de estigmas, permitindo que elas se vejam e sejam representadas de maneira mais digna na sociedade. Por fim, desenvolver pesquisas que avaliem a eficácia de campanhas de conscientização e educação voltadas tanto para a população em geral quanto para as próprias trabalhadoras do sexo é fundamental para aumentar o conhecimento sobre direitos e recursos disponíveis. Essas direções futuras não apenas ampliam a compreensão das complexas realidades enfrentadas pelas prostitutas, mas também contribuem para a construção de um conhecimento mais robusto que pode informar políticas públicas e práticas sociais, promovendo a dignidade e os direitos das trabalhadoras do sexo.

REFERÊNCIAS

- APROSMIG (Minas Gerais). APROSMIG - Associação das Prostitutas de Minas Gerais: Quem Somos. [s.d.]. Disponível em: <https://aprosmig.org.br/sobre>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- BENEVIDES, Bruna G. 2023: Brasil invicto como campeão no consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos): A pornografia trans aumentou 75% nas pesquisas gerais no Brasil, e ocupou a sexta categoria em pesquisas internacionais este ano. Catarinas, s.p., 19 dez. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/brasil-invicto-como-campeao-no-consumo-de-pornografia-trans-no-mundo-e-de-assassinatos/>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. “A transfobia adoce e mata. Temos que nos comprometer com a vida”, diz conselheiro de saúde no Dia Nacional da Visibilidade Trans. [S. l.], 28 jan. 2022. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2312-a-transfobia-adoece-e-mata-temos-que-nos-comprometer-com-a-vida-diz-conselheiro-de-saude-no-dia-nacional-da-visibilidade-trans#:~:text=O%20dossi%C3%AA%20indica%20que%20as,%C3%A9%20de%2074%2C9%20anos>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- DINIZ, A. G. R.; MAYORGA, C. Notas sobre a autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas. Revista Psicologia e Sociedade. São Paulo, 08 nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/fjyspX9bKyFcYdFxb9T359m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02/12/2022.
- FONSECA, C. A dupla carreira da mulher prostituta. Revista Estudos Feministas, v. 4, n. 1, p. 7 – 33, jan. 1996.
- KILOMBA, G. “Quem pode falar?”. In: KILOMBA, G. Memórias da Plantação: Episódio de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. cap. 2. P. 47-69.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Carta aos meus agressores: com amor, Letícia. NOHS SOMOS, [S. l.], 8 mar. 2021. Disponível em: <https://nohssomos.com.br/2021/03/08/carta-aos-meus-agressores-com-amor-leticia-2/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Transfeminismo negro: tensionando interseccionalidades. In: BOAKARI; SILVA; BATISTA, Francis Musa; Francilene Brito da; Ilanna Brenda Mendes. Políticas Públicas e Diversidade: Quem precisa de Identidade?. Teresina: EDUFPI, 2020. Parte 1: Gênero, p. 130-141.

REIS, G. O. dos. Aspectos da Prostituição na Sociedade Brasileira. JusBrasil. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://glaucieneoliveira:jusbrasil.com.br/artigos/1188153543/aspectos-daprostituicao-na-sociedade-brasileira>. Acesso em: 04 dez. 2022.

SOUSA, R. F. de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Revista Psicologia e Sociedade. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6pdm53sryMYcjrFQr9HNcnS/?format=html>. Acesso em: 03 dez. 2022.

ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G. Q. de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Porto Alegre, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic:bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007. Acesso em: 02 dez. 2022.